

Casa adentro: cultura material no Sertão de Limoeiro (CE) – 1850/1884

Luciana Meire Gomes Reges*

A História da Cultura Material é uma dimensão historiográfica que busca analisar as interações dos objetos/bens materiais, que nesse estudo se configura enquanto *patrimônio familiar*, com as instâncias da vida humana, na sua concretude das condições materiais tendo elas, vertentes sociais, econômicas, culturais, naturais, entre outras tantas.

O historiador da Cultura Material ao examinar a materialidade de uma sociedade, situada em tempo e espaço específico, busca compreender os modos de vida que se reproduzem nas relações cotidianas.

O que faz lembrar Fernand Braudel em *Civilização Material, Economia e Capitalismo – século XV-XVIII*, no primeiro volume, *As estruturas do cotidiano*, que contempla as mudanças e permanências que ocorreram nas moradias, nos aspectos exteriores e interiores, o uso social dos cômodos e objetos como também a mobília. Braudel utiliza em seu estudo uma pluralidade de documentos: icnográficos, objetos, fontes cartoriais, inventários *post-mortem*, narrativa de viajantes, que fornecem embasamento ao historiador criar possibilidades de análise sobre a vida material. (BRAUDEL, 1995)

A compreensão que alinhava esse campo de estudo é o da material, que transpõe a análise dos objetos, *este campo deve examinar não o objeto material tomado em si mesmo, mas sim os seus usos, as suas apropriações sociais, as técnicas envolvidas na sua manipulação, a sua importância econômica e a sua necessidade social e cultural.*(BARROS, 2004, p.30)

O material não é estanque, não se detêm apenas da análise da condição física, ele é dinâmico e se articula com os jogos sociais, bem como as necessidades e vontades ao qual está inserido e ao qual são atribuídos. *O universo material não se situa fora do fenômeno social, emoldurando-o, sustentando-o. Ao contrário, faz parte dele, como uma de suas dimensões e compartilhando de sua natureza, tal como as ideias, as relações sociais, as instituições.* (REDE, 1996, p. 274)

Assim, o estudo da Cultura Material constitui não apenas a vida material e econômica dos sujeitos, ela perpassa o âmbito do simbólico. E em meio às relações estabelecidas entre

material/simbólico é sublinhada nesse campo o ato de significar e resignificar socialmente o que é possuído ou não.

O historiador compreende que o material só existe porque tem sentido na dimensão do simbólico, das significações e é nessa esfera que é possível atingir, além do que esses sujeitos possuem. (LEVI, 2000, p. 136)

De dentro do campo de estudo da História da Cultura Material emerge o conceito *vida material*, no processo de alinhar os retalhos dispersos dos modos de vida destacados pela vivacidade da materialidade.

Não obstante Marcelo Rede na introdução de História das Coisas Banais,

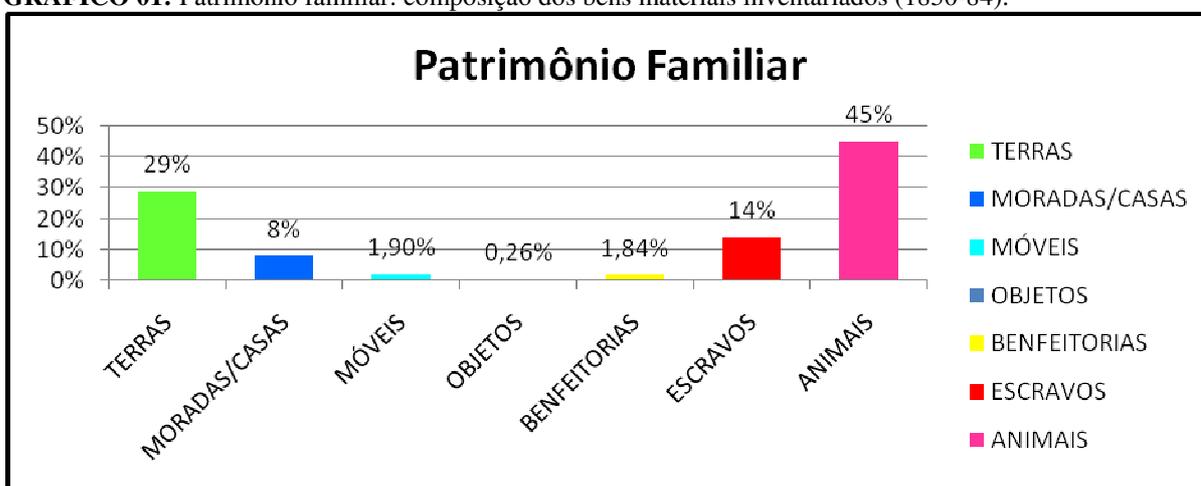
(...) História das Coisas Banais deseja considerar de outra maneira as praticas habituais e o lugar dos objetos no viver cotidiano, as relações de uso e troca que eles criam quando são raros e sua duração tem um valor diferente na nossa, quando a sociedade é menos complexa e quando as relações surgem, além das formas econômicas, dos valores simbólicos. (REDE, 2000, p. 13)

Para esse estudo, a *vida material* emerge a partir da análise dos patrimônios familiares do sertão de Limoeiro (CE). Saber o que essas pessoas possuíam, o universo material que as circundavam possibilita inferir acerca dos aspectos da vida social, econômica e cultural.

Na composição dos patrimônios familiares, os inventários *post-mortem* foram importantes instrumentos, já que portam uma descrição minuciosa e uma avaliação monetária dos bens materiais catalogados. Os bens inventariados nos inventários foram catalogados em três grupos:

- bens de raiz: propriedades (fazendas, sítios, “sorte de terras”, casas);
- bens semoventes: animais (gado vacum, cavalos e mulsos) e escravos;
- bens móveis: objetos (mobiliário, imagens, oratórios, joias e moedas de ouro e prata).

A seguir um gráfico construído a partir da equação da frequência dos objetos/bens inventariados e do valor atribuído a cada um.

GRÁFICO 01: Patrimônio familiar: composição dos bens materiais inventariados (1850-84).

FONTE:(AFDACCS)- Arquivo do Fórum Des. Antônio Carlos Costa e Silva.

Todos esses bens estão interligados, imbricados numa rede. A criação de gado viabilizou uma dinâmica de produtos e pessoas, o que conduziu a circulação de objetos, bem como as percepções de usos e técnicas que alteraram significativamente os modos de vida dos sertanejos na segunda metade do século XIX.

A cultura da pecuária mudou a paisagem dentro e fora das casas. A arquitetura das casas e a estrutura dos objetos eram expressões dessa sociedade pecuarista inserida numa lógica de recursos limitados. A sociedade sertaneja de Limoeiro era marcada pela mescla de hábitos pastoris e “civilizados”.

Conforme os dados obtidos e demonstrados no gráfico acima, o patrimônio familiar aportava-se na criação de animais (45%), nas terras (29%) e nos escravos (14%). Inserido na compreensão de valor seguia as moradias (8%), seguida por móveis (1,90%) e benfeitorias (1,84%), e por fim, os objetos (0,26%).

Para esse artigo, recortamos os objetos/bens que estavam dentro da casa, dentro das gavetas, na tentativa de imaginar esse espaço onde a vida era produzida e reproduzida. A

disposição da mobília, as imagens dos santos nas paredes e os ambientes destinados aos oratórios, bem como os lugares reservados aos bens preciosos: joias e moedas de ouro e prata, ou seja, compreender onde as pessoas habitavam auxilia no entendimento da dinâmica social, dos modos de vida.

Adentrando a casa.

Pode entrar e sentar. A sala é o primeiro espaço do interior das casas inventariadas, ela representa um espaço de sociabilidade entre os moradores da casa e os visitantes, como também um lugar de realização de algumas funções cotidianas. Normalmente, a sala constitui-se como um espaço limite entre o público e o privado. Segundo Tânia Andrade Lima, a sala é um lugar *formal, destinado ao entretenimento e ao lazer, e, por conseguinte a representação social, que tinha o acesso permitido aos de fora.*(ANDRADE LIMA, 1995, p. 135)

Em alguns dos inventários analisados, constatamos, entre a mobília, a referência à mesas de jantar. Conforme suscita Antônia Mota, a sala era o local das refeições das famílias. Entre os que tinham posses, era comum se possuir mesas grandes, mesmo não fazendo referência ao número de lugares, tinham como funcionalidade atender as necessidades de sociabilidade entre familiares e visitas.

Ainda compondo o espaço da sala, encontramos outros objetos que nos fazem imaginar a conveniência dos mesmos dentro do processo de construção das relações envolvendo o público e o privado, bem como a economia local: bancos de carnaúba, bancos pequenos, sofá de palhinha, cadeiras de palhinha, era mais comum se encontrar a presença de rústicos bancos feitos a partir da carnaúba, além de outros pequenos bancos que mais facilmente podiam ser deslocados.

Sendo as carnaubeiras dispersas pelos Sertões de Limoeiro e possuíam significativo número, possivelmente esses móveis poderiam ser fabricados nas localidades de Limoeiro e pelos próprios moradores das casas, ou seja, facilitava a aquisição, tanto pela proximidade territorial como também pelo valor econômico mais baixo. De maneira geral, podemos dizer

que a mobília que compunha as casas eram marcadas pela simplicidade. (MOTA, 2007, p. 196)

Diferentemente da sala, o quarto representava um espaço mais reservado, no qual só entrava os mais íntimos. Nos inventários, no que se refere à mobília do quarto, foram encontrados algumas categorias de móveis: cômoda, armários, guarda-roupas, caixas, camas, em geral em mal estado de conservação. Sendo a cama um elemento da mobília que pouco foi registrado nos inventários, é possível a rede fosse o mais recorrente utensílio utilizado pela população local para o descanso e para dormir.

As redes talvez predominassem na cidade entre os utensílios utilizados para dormir ou descansar nas casas de Belém, e o seu estivesse relacionado às tradições locais, advinda das heranças indígenas, porém eles não reinavam de forma hegemônica no campo doméstico. Então neste sentido o naturalista inglês estava equivocado, pois, o uso de catres, camas ou simplesmente colchões não se mostravam objetos estranhos nas mobílias dos moradores da cidade. (GUIMARÃES, 2006, p.170)

A presença do baú de couro nos registros dos bens inventariados é constante, o que leva a imaginar que os mesmos estivessem dispostos por toda a casa. Assim como os baús de couro, muitas foram às caixas descritas nos inventários, cuja matéria prima, tamanho e estado de conservação eram os mais diversos: grande, pequenas, novas, velhas, madeira, sapé. Do mesmo modo, várias eram as suas utilidades.

Ainda com relação aos baús, podemos dizer que os mesmos serviam como espaço destinado para armazenar objetos privados, bem como os de uso coletivo, amplamente usados no transporte dos bens materiais durante as viagens ou mudanças de casas.

No que se refere à cozinha, espaço da casa destinado aos fazeres domésticos, foi possível encontrar entre os bens inventariados alguns instrumentos/objetos que mais se assemelham a este espaço: panelas (grande, pequena, de ferro); pilão, geralmente velho; copos de vidro; colheres de prata, utilizadas para chá, para sopa e para açucareiro; mesas de cedro, grande ou pequena contendo gavetas ou não.

Os copos de vidro, talheres em unidades e distintivos eram elementos vigentes no processo de inserção de novos hábitos, era a introdução de aspectos de *civilidade* à sociedade sertaneja de Limoeiro, acompanhada de uma disciplinarização, aqui em especial do ato social de comer.

Essa conjuntura era configurada entre acordos e desacordos de aspectos de *civilidade* e as tradições de hábitos e de maneiras de viver que remetiam à pecuária, já que foi a principal base da economia deste o período de povoamento da capitania do Ceará.

Ocouro até fins do século XIX estava dentro da casa, na sala, no quarto, foi um elemento presente no cotidiano sertanejo, principalmente na mobília que compunha as casas de fazendeiros, pequenos proprietários, pobres...

Nos inventários analisados, muitas foram às referências a esta matéria prima, retirada do gado abatido para alimento de toda a população. Entre os objetos catalogados estavam: jogos de solla, baús encourados, couros espichados, couros de gado, malha de couro de gado, meios de solla. Todos esses utensílios são indícios da expressiva presença da atividade pecuária na região.

Raimundo Girão, em *História Econômica do Ceará*, explica, passo a passo, como se dava o processo de beneficiamento, desde o gado abatido até o transportados para as oficinas produtoras de charque e o beneficiamento do couro:

(...) as oficinas eram construções toscas, apressadas, galpões cobertos de palha, várias para estender a carne desdobrada e salgada, e alguns fechos de ferro para a extração de parte da gordura dos ossos por meio da fervura em água. O sal do Reino só se empregava para encharque – salga da carne. A courama era estaqueada, seca ao sol; o sebo, simplesmente lavado, posto ao tempo em varais e depois secado, em forma de madeiras cúbicas, produzindo pães de peso variável. A ossamenta era amontoada e queimada e esta cinza atirada para aterros, ou servia, empilhada, para fazer mangueiras e cercas. Todas as outras partes do boi não tinham valor comercial e eram atiradas fora. (GIRÃO, 2000, p.69)

A descrição feita por Raimundo Girão possibilita compreender o quanto era significativa a presença da pecuária na economia e na sociedade cearense desde o período colonial. Acreditamos que, para além dos objetos/utensílios aqui nomeados, muitos outros não estão presentes nos inventários *post-mortem*.

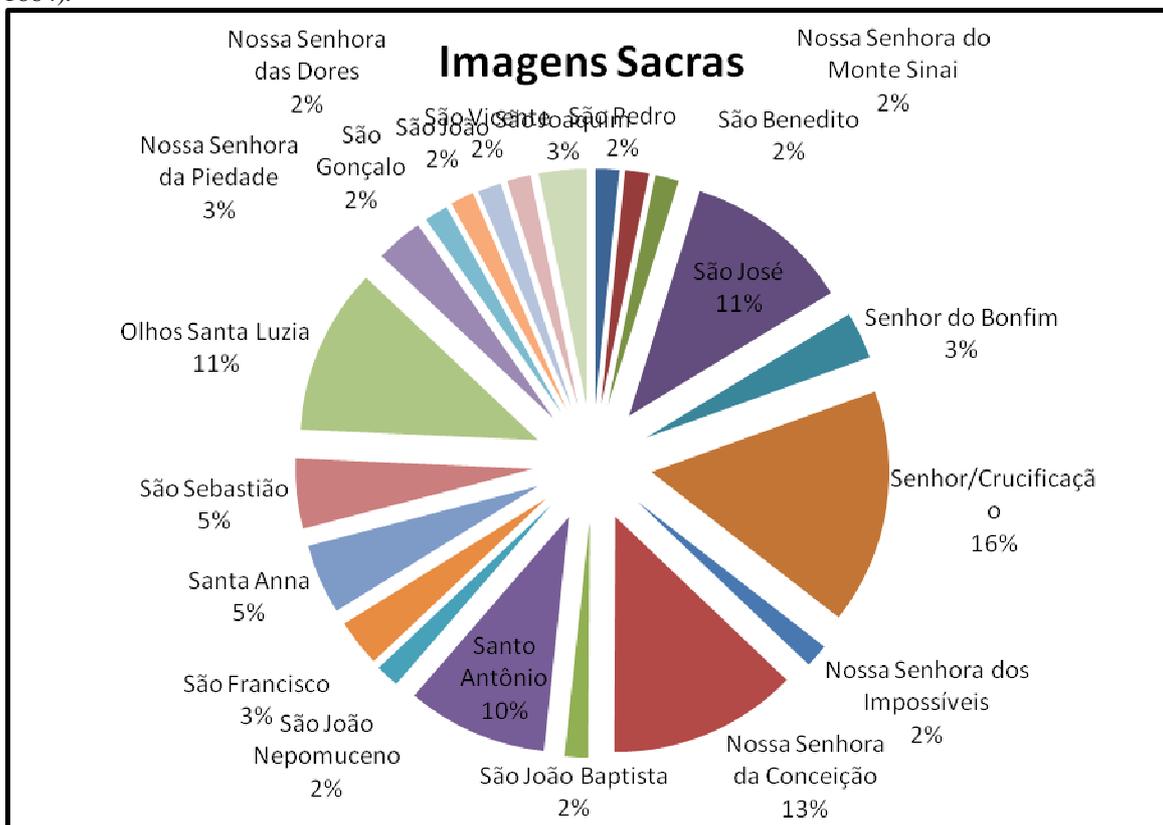
Compondo o cenário interno das casas do Sertão de Limoeiro, em conformidade com os inventários analisados, identificamos uma série de objetos que testemunham a religiosidade da sociedade local, que para além de um mecanismo de estratificação social diz a cerca do que eram e do que acreditavam.

Segundo Luís Mott, *a casa de moradia era o locus privilegiado para o exercício da religiosidade privada dos católicos*. Havia, portanto, uma preocupação em externar a fé, tornando mais significativo os referenciais eclesiais. (MOTT, 1997, p. 164)

A inserção da habitação como um espaço permeado pelas crenças é algo muito intenso nas tradições religiosas das populações brasileiras, que pode ser identificado nos ritos que acompanham a construção da casa e seguem-nos mais variados emblemas religiosos que compõem o espaço doméstico depois de pronta. Como é o caso apontado por Luiz Antônio Valente Guimarães, que entre os mais abastados, havia o costume de se lançar a pedra fundamental da casa com a presença do padre com a finalidade de se aspergir água benta no alicerce. (GUIMARÃES, 2006, p.167)

Até o final do período imperial, o catolicismo era a religião oficial do Estado brasileiro, influenciando, de maneira geral, os espaços sociais das maneiras mais diversas. Por todo o país, nas mais distantes freguesias, a Igreja Católica se fazia presente das mais distintas maneiras nas casas, fazendo destas uma espécie de segundo templo de vivência dos ritos católicos.

No gráfico abaixo podemos verificar a existência de quarenta e um objetos sacros, entre eles imagens, quadros, retábulos, crucifixos, oratório e santuários. Em geral, eram objetos caros que, seguramente, constituía-se não apenas na materialização da fé católica na própria casa, como, também, num mecanismo de distinção social.

GRÁFICO 02: Amostragem da representatividade dos santos em Limoeiro nos inventários *post-mortem* (1850-1884).

FONTE: (AFDACCS)- Arquivo do Fórum Des. Antônio Carlos Costa e Silva.

Entre os santos mais cultuados, de acordo com o levantamento feito em todos os inventários analisados, destacam-se: Nossa Senhora, Nossa Senhor do Bomfim, Nosso Senhor crucificado, Nossa Senhora dos Impossíveis, Nossa Senhora da Conceição, São João Baptista, Santo Antônio, Santo João Nepomuceno, São Francisco, Nossa Senhora Santa Anna, São Sebastião e São José.

Segundo Luiz Mott, é importante destacar a presença dos santuários e oratórios particulares.

(...) funcionavam como uma espécie de relicário, onde eram conservados, além de eventuais relíquias, [...] a palha benta do Domingo de Ramos, medalhinhas das festas, os escapulários. (MOTT, 1997, p. 167)

A posse desses objetos favorecia uma posição de destaque aos indivíduos na sociedade a que pertenciam.

A vida material também é uma forma de perceber como os equipamentos sociais estavam associados à condição econômica, bem como, é possível verificar no processo do Tenente Coronel Clemente Luiz Barros Souza Netto que constitui uma maior gama de bens, também possui o maior número de objetos sacros, somam a quantia de onze, que significa 27,5%.

Assim como os objetos que dão testemunho à religiosidade presente na vida da população do Sertão de Limoeiro, ficou evidente em vários inventários a presença de artefatos composto em ouro e prata. Entre esses objetos destacamos: anéis, cordões, relógios, pulseiras. Segundo Cláudia Eliane Martinez, *os trajes, as joias, os acessórios e as poses demonstram a sofisticação que os estratos mais elevados da sociedade desejavam alardear.* (MARTINEZ, 1997, p. 74)

Essa compreensão pode ser estendida ao Sertão de Limoeiro, sobretudo se considerarmos que a grande maioria da população vivia em estado de pobreza. A posse do ouro e da prata, mesmo em pequena quantidade, representava uma forma de distinção social, mas também, era um dispositivo que assegurava o patrimônio numa época de crise (uma seca, uma epidemia, etc.), ou seja, era uma garantia de preservação da vida.

De acordo com Maria Nahir Ferreira, referindo-se a riqueza estabelecida na Vila de Icó, a ostentação e o luxo era uma forma que o indivíduo tinha para desfrutar de sua condição social.

[...] tendo em vista que uma economia caracterizada pela agricultura e pecuária, dever-se-ia esperar que os sujeitos, ligados a esse tipo de atividade concentrassem seus patrimônios em imóveis rurais, terras, lavouras, animais e escravos. O que propiciava aos nobres da terra como detentores das riquezas construídas, usufruíam da sua própria condição econômica, mediante a utilização de artigos de luxo. O mundo dos inventários revela ainda muito do cotidiano da vida no sertão, aspectos das vivências e experiências diversas dos sujeitos. (FERREIRA, 2009, p. 42)

Para Auxiliadora Lemenhe, a busca do ouro e da prata presidiu a política econômica europeia por quase três séculos.

Durante quase três séculos, a política econômica europeia girou em torno da concepção de —riqueza da nação— definida pela acumulação de ouro e prata e pela apropriação ou pela produção de bens passíveis de transformação em dinheiro. [...]

Isto significa manter uma balança comercial favorável como forma de garantir a entrada de dinheiro. (LEMENHE, 1991, p. 21 e 22)

Analisando os inventários *post-mortem* do período de 1850 a 1884, é perceptível que o Sertão de Limoeiro, na segunda metade do século XIX, a prática voltada para o acúmulo do ouro e da prata eram recorrente. Apesar de tratar-se de uma sociedade marcada pela pobreza, a posse do ouro e da prata representava poder e um mecanismo de distinção social.

Saindo da casa...

O objeto carrega em si marcas e sentidos que ultrapassam o tempo, são compostos de temporalidades, constroem trajetórias, biografias. Falar de uma casa deteriorada, não se limita ao fato de estar danificada, implica em quais condições ela foi construída? Por quem? Para quem? Bem como, as subjetividades e a relação com os indivíduos, *mais que representações de trajetórias pessoais, os objetos funcionam como vetores de construção da subjetividade e, para seu entendimento, impõem, já se viu, a necessidade de se levar em conta seu contexto performático.* (MENESES, 1998, p.96)

Bem como alude Ulpiano Meneses:

Os objetos materiais só dispõem de propriedades imanentes de natureza físico-química: matéria-prima, peso, densidade, textura, sabor, opacidade, forma geométrica, etc.etc.etc. Todos os demais atributos são aplicados às coisas. Em outras palavras: sentidos e valores (cognitivos, afetivos, estéticos e pragmáticos) não são sentidos e valores das coisas, mas da sociedade que os produz, armazena, faz circular e consumir, recicla e descarta, mobilizando tal ou qual atributo físico (naturalmente, segundo padrões históricos, sujeitos a permanente transformação). (MENESES, 1994, p. 27)

É importante salientar que os sentidos, significados, valores sociais e econômicos que são atribuídos pelos indivíduos aos objetos, estão localizados em uma conjuntura, onde espaço e tempo são singulares.

Além disso, os estudos sobre a materialidade é uma porta para adentrar o cotidiano dos indivíduos tendo em vista sua pluralidade e sua finalidade social, cultural e econômica, que implica ou não na obtenção de bens.

O material está em movimento, no sentido que ele é dinâmico e é uma possibilidade para compreender a organização dos jogos sociais. A análise dos interiores das casas, do patrimônio (s) familiar (es) corrobora na compreensão da vida econômica e social. *É evidente a relação da cultura material com os condicionamentos materiais que pesam sobre a vida do homem e às quais ele opõe uma resposta que é precisamente a cultura*, ou seja, por meio da materialidade é possível analisar e problematizar as expressões e modos de vida de indivíduos. (MOTA, 2007, p. 161)

BIBLIOGRAFIA:

ALENCAR, Alênio Carlos Noronha. VASCONCELOS, Liduína Queiroz de. *Inventários Post Mortem: Possibilidades de Leitura do Universo Escravo*. In. Revista do Arquivo público do Ceará. Número 03, 2006.

ANDRADE LIMA, Tânia. *Prato e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX*. In; Anais do Museu Paulista: São Paulo, N. Série. V.3. p.129-91, jan-dez. 1995.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. *Contribuição metodológica para a pesquisa historiográfica com os testamentos*. *Histórica – Revista do Arquivo do Estado de São Paulo*, ed. 6., out. 2005. Disponível em: www.historica.arquivoestado.sp.gov.br 15/12/2009, 23h48min.

BARROS, José D'Assunção. *Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História*. In. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.16, p. 17 -35, dez. 2004 - ISSN: 1676-2584, p.30.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo – séculos XV-XVIII: Estruturas do Cotidiano: o possível e o impossível*. VII São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Maria Nahir Batista. *A constituição de riquezas na Vila de Icó – CE (1780-1830): Nobres da Terra, Homens Livres E Escravos*. Monografia apresentada à Faculdade

Vale do Salgado – FVS como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Metodologia do Ensino Superior. Orientador: Prof.Ms. Aldecir Ferreira da Silva.

GIRÃO, Raimundo. *História Econômica do Ceará*. 2ª ed. – Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2000.

GUIMARÃES, Luiz Antônio Valente. *As casas & as coisas: um estudo sobre vida material e domesticidade nas moradias de Belém – 1800-1850*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2006. Orientador: Professor Doutor Antônio Otaviano Vieira Júnior (DEHIS/UFPA).

LEMENHE, Auxiliadora. *A economia Pastoril e as Vilas coloniais no Ceará*. In. *As razões de uma cidade: Fortaleza em questão*. Fortaleza: Stylos, 1991.

LEVI, Giovanni. *Herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Na ribeira do rio das onças*. Fortaleza: Assis Almeida, 1997.

MARTINEZ, Cláudia Eliane P. *Objetos do cotidiano e escravidão no século XIX: Bonfim do Paraopeba – Minas Gerais* Cadernos de História. — out. – 1997 — Belo Horizonte: PUC Minas, 2006 – v. Semestral ISSN 1679-5636.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. v.2 p.9-42 jan./dez. 1994, pag. 27.

_____. *Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público*. Revista Estudos Históricos, nº 21, ano 1998.

MOTA, Antônia da Silva. *Cotidiano e Cultura Material dos séculos XVIII – XIX*. Ciências Humanas em Revista - São Luís, v. 5, número especial, junho 2007.

_____. *Cotidiano e cultura material nos espólios familiares da Capitania do Maranhão, século XVIII e XIX*. ISSN 01029487. CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), v. 25, p. 157-172, 2007, P. 161.

MOTT, Luiz. *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*. In SOUZA, Laura de Melo. *História da Vida Privada no Brasil*, São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Maria Ivanira de Castro. *O escravo negro no baixo - Jaguaribe*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista. Franca -1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Esta História que chamam micro*. In Guazzelli, César Augusto Baralos; Peterson, Sílvia Regina Ferraz; Schmidt, Benito Besso e Xavier, Regina Célia Lima (org.) *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Editora Universalidade/UFRGS, 2009.

REDE, Marcelo. *História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.4 p.265-82 jan./dez. 1996.

REGIS, João Rameres. *INTEGRALISMO E CORONELISMO: Interfaces Da Dinâmica Política no Interior do Ceará (1932-1937)*. Rio de Janeiro, 2008. Tese de Doutorado em História Social. UFRJ- Orientadora: Prof.(a). Dra. Maria Paula do Nascimento Araújo.

*Mestranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Esse artigo é parte integrante do estudo desenvolvido nesse programa e tem como orientação o Dr. Eurípedes Antônio Funes– bolsista CAPES.